

roberto freire e o erotismo anarquista

O anarquista, escritor, dramaturgo, inventor da somaterapia, Roberto Freire, Bigode para os amigos, completaria 90 anos em 2017. Diferente de uma homenagem à efeméride, que tem pouco a ver com Roberto, a data é propícia para retomar a vitalidade do seu anarquismo somático declarado desde *viva eu viva tu viva o rabo do tatu* (1977). No frescor dessa vitalidade, reeditamos nesta **verve** a entrevista “um libertário” e o ensaio “erotismo libertário”, publicados originalmente em 1992. No início da década de 1990, depois da invenção da perspectiva libertária ao longo dos anos 1980 com livros como *Utopia e paixão*, *Coiote* e *Sem tesão não há solução*, Freire deslocou-se, brevemente, para Canoa Quebrada, litoral do Ceará, onde redigiu os contos que compuseram os dois volumes das *Histórias curtas e grossas*. A partir do seu lançamento, Freire situou a “erotização do cotidiano”, diferenciando, à maneira do escritor D. H. Lawrence, *erotismo* e *pornografia*. Desde então, viajou o Brasil e intensificou os trabalhos acerca do *amor libertário*. Pouco tempo depois da publicação da entrevista e do ensaio a seguir, animado pelo cinema de Mario Monicelli, Freire formou o coletivo libertário *Brancaleone*, grupo de jovens somaterapeutas que, durante os anos 1990 e 2000, viveu e levou adiante o *Tesão* da anarquia. Roberto Freire não apagou; ele queimou como a grande bomba de orgasmo

que preconizava e fabricava diariamente. Sua potência segue viva por aí, como centelhas de fogo que aquecem e iluminam práticas libertárias. Sua existência foi vibrante como o fogo, que transforma e realiza.

Gustavo Simões
outubro de 2017

um libertário¹*roberto freire*

O terapeuta e escritor Roberto Freire, criador da Somaterapia e autor dos livros *Sem Tesão não Há Solução* e *Ame e Dê Vexame*, coordenou maratonas de soma, semana passada, em Belo Horizonte (no Cine Belas Artes-Liberdade) e Ouro Preto, com o objetivo de implantar novos grupos de terapia. Freire, que mora em Ilha Bela, no litoral norte de São Paulo, não mais coordena os grupos, apenas faz sua instalação e supervisiona o trabalho. Em Belo Horizonte, por exemplo, os trabalhos serão conduzidos por dois jovens – Rui Takeguma e João Da Mata. O escritor também lançou dois livros em BH – *Histórias curtas e grossas – Volume II* e *A Farsa ecológica*. Em entrevista à repórter Maria Gláucia Barreto, ele falou sobre a origem das neuroses, a importância das pessoas manterem sua originalidade — a despeito de tudo e de todos —, sexo e educação dos filhos.

Chama a atenção o fato de seus assistentes, que coordenam os grupos de somaterapia, serem muito jovens. O Rui tem 23 anos, não é?

É, os meus assistentes são todos muito jovens. O João tem 24. O mais velho é uma assistente minha de Florianópolis, que tem 40. Mas é preciso ter espírito de 25, porque a técnica, ao contrário de outras técnicas terapêuticas, não é um trabalho de erudição, não é um trabalho de modificação da personalidade. As outras teorias terapêuticas mexem na estrutura da personalidade para melhorar a vida das pessoas. Para mim, isso é impossível, muito perigoso e desnecessário. Eu acho que a gente tem de ajudar a pessoa a se livrar daquilo que a está impedindo de desabrochar. Acho que a pessoa que está neurótica não tem uma alteração da personalidade, ela tem bloqueios ao desenvolvimento da sua personalidade. Então, uma pessoa jovem que conheça as técnicas tem a mesmíssima competência que eu, que tenho 40 anos de experiência. Eles são médicos, engenheiros, atores...

Em que a somaterapia é diferente da terapia tradicional?

Eu fui psicanalista. Conheci todas as técnicas terapêuticas e vi que o índice de cura, a recuperação da neurose, eram muito baixos. O pessoal levava seis, 10 anos fazendo análise. Foi quando eu comecei a ver que a neurose era uma coisa muito mais simples do que parece. Não é problema de doença, é um problema de incompetência para viver. Cada pessoa nasce para ser um ser original e único. Numa sociedade autoritária, onde existe a *média*, há uma tentativa de massificar as pessoas, de fazer com que elas sejam iguais, parecidas. A originalidade é uma coisa

Um libertário...

que não é muito tolerada. Com isso, impede-se a pessoa de ser ela mesma, de ter a originalidade, e ela começa a sofrer. Para mim, a neurose é o sofrimento de as pessoas não poderem ser o que elas são de fato. A neurose é um problema sócio-político, e não uma doença. Então, a soma ajuda as pessoas a voltarem a assumir o que elas são e passarem a enfrentar as repressões sociais. Quando elas começam a ser o que são, desaparecem todos os sintomas.

É como se a neurose viesse de fora para dentro?

De fora para dentro. O Wilhelm Reich provou isso na década de 30, contestando Freud, que achava que a neurose vinha de dentro para fora. Inclusive, ele provou também que a neurose não fica na cabeça. Ela se instala no corpo todo da pessoa, nos músculos. Eu posso compreender de onde vem a minha neurose, mas não consigo me livrar dela porque ela gera em mim uma tensão corporal enorme. O neurótico é uma pessoa absolutamente tensa, então a gente tem de desfazer essas tensões corporais através de massagens, movimentos, dança. O homem faz dança, espontaneamente como terapia, desde que ele existe. Nós descobrimos que, de todos os nossos exercícios, o melhor é a capoeira, tanto que é necessário fazer capoeira durante a soma. E, quando termina a soma, as pessoas continuam fazendo a capoeira e, com isso, aliviando as tensões sem estar fazendo terapia. Nós pesquisamos e descobrimos que as lutas orientais e ocidentais tinham um efeito tremendo sobre o que Reich chama de couraça neuromuscular, onde ficam as tensões. Descobrimos que o tai-chi, o kung-fu, o judô, essas lutas têm um poder enorme de liberação energética. Então, escolhemos a capoeira, que é uma luta

brasileira, nos dá muita força, muita energia e, além disso, das várias lutas pesquisadas é a que se aprende mais rápido.

O senhor está lançando um livro com contos eróticos, o Histórias curtas e grossas – Volume II, e a respeito deste trabalho o senhor fala que “o erotismo, quando vivenciado, é saudável; quando fica somente no pensamento, nas fantasias, se torna doentio, patológico, pornografia”. Qual seria a importância das fantasias para as pessoas?

Eu acho que as fantasias são tão importantes quanto as próprias experiências sexuais. Só que elas não podem substituir. Quando a pessoa vive da fantasia e não tem experiência nenhuma, ela vive da representação da coisa, portanto, não é a coisa. As fantasias são representações das coisas que a gente pode viver sexualmente. A experiência sexual, afetiva, erótica, é muito saudável. Mas, quando se fica só na fantasia, ela excita e não realiza. E se realiza sem nenhum contato com a realidade; se você consegue um orgasmo fantasioso numa masturbação, tudo bem, mas não é uma experiência em si completa. Se houver outras experiências sexuais e masturbação, não há problema nenhum. Mas, se a masturbação estiver substituindo as relações sexuais, é problema, porque ela é incompleta. É uma forma, não são todas as formas. Então, eu resolvi fazer esse livro para trabalhar sobre todas as possibilidades do erotismo e ver até que ponto nós podemos ficar dentro do erotismo puro, da arte, da poesia, sem cair na pornografia. E o nosso grande esforço na soma é fazer com que as pessoas consigam permitir que o erotismo, o prazer corporal, não fique restrito exclusivamente às relações sexuais.

Um libertário...

Seria o que o senhor chama de “erotização do cotidiano”?

Sim, eu acho que nós devemos pegar essa energia libidinosa, que é enorme, e usá-la no cotidiano. Por exemplo, se eu vou ao mar, eu posso simplesmente sentir a água, mas eu também posso sentir o prazer do contato com a água. Eu posso dar ao meu amigo um prazer enorme de sentir a presença dele, a presença física dele, sem precisar fazer sexo com ele, mas que exista uma coisa gostosa na nossa relação. É importante a gente usar um pouco do erotismo na relação com os filhos, poder tocar nossos três filhos, sentir a presença física deles. Eles entram em casa e eu sei quem entrou. Então, o prazer de comer, de beber, de dançar, tem que ter um certo grau de sensualidade para ficar ainda mais gostoso. A maioria das pessoas foge disso, tem uma vontade enorme de fazer, mas morre de medo. A educação que nós recebemos é para cortar tudo isso. A sociedade não permite que a gente sinta carinho sensual pelas pessoas, pela mãe, pelo irmão, pelos amigos. Isso torna a vida muito seca, muito triste, e faz com que a gente comece a cobrar demais dos nossos amantes. Seu amante tem que ser sua mãe, seu pai, seu irmão, seu amigo, além de ser seu amante.

Hoje, uma coisa que tem sido muito falada é a dificuldade de relacionamento entre homem e mulher. A gente vê muitas mulheres sozinhas, se queixando de que os homens “sumiram”. Por que isso?

Esta pergunta me é feita frequentemente e eu acho que está acontecendo isso mesmo. Mas a coisa só pode ser entendida se for vista por outro ângulo. Estamos saindo de um patriarcado muito violento, em que a mulher era totalmente dominada pelo homem. Desde a década de 1960, sobretudo,

há a concepção da mulher independente, produtiva e que não seja submissa. Então, para não ser submissa, acabou-se com o casamento. As relações entre homem e mulher teriam de mudar fatalmente. Como é que se faz a relação entre duas pessoas independentes? E os homens não estão querendo aceitar a mulher independente. A mulher quer um homem que estabeleça com ela um relacionamento que não existiu ainda, que terá de ser inventado. Então, se tem de abolir muitas coisas, como a mulher não poder ter relações sexuais. Ela tem de ter relações sexuais o mais cedo possível para viver sua fisiologia independente de qualquer coisa. Depois, ela tem de ter uma profissão, para não depender do homem. Já o homem também teria que gostar de ter filhos, de tomar conta de criança, de cozinhar, limpar a casa, tarefas que ele acha que são femininas. Então, está havendo um processo de adaptação, desconfiança e dificuldades. Alguns casais estão descobrindo isso, outros ainda não. Por exemplo, se são independentes, por que cada um não vai morar na sua casa? Se tiverem uma criança, os dois criam juntos, mas quando a criança crescer não precisa mais deles ficarem juntos. É muito importante, sendo independentes, que haja amor livre. Por que esse compromisso? Há pessoas que precisam de outros relacionamentos, outras não precisam. Eu, por exemplo, não posso. Se eu estiver gostando de uma pessoa, é aquela pessoa. Vejo as outras, mas não tenho interesse. Todo mundo deveria ter o direito de fazer como bem entendesse. Não haver normas. Outra concepção burguesa é achar que o amor é para sempre. Por que o amor não pode começar, durar e acabar no tempo em que quiser?

Um libertário...

Os pais hoje estão muito confusos quanto à educação dos filhos. O que o senhor recomendaria?

Nós, anarquistas, desenvolvemos uma pedagogia libertária. Eu eduquei meus filhos dentro desta pedagogia. A experiência foi incrível, houve choques, houve problemas, mas eu acho que eles são pessoas bem livres e bem autônomas. O principal é admitir que a criança sabe tudo. Ela tem dentro dela o potencial de saber tudo. Então, a gente não deve ensinar nada que ela não esteja nos perguntando. Se ela faz uma coisa errada, ela percebe, você não precisa recriminar. Se ela pega uma faca, você fica com medo de que ela se corte e explica para ela que aquilo corta. Passa numa coisa e mostra que corta, que ela pode se machucar. Mas a vida, viver, não se deve ensinar às crianças. Elas aprendem sozinhas. E mais: elas aprendem muito mais entre as crianças do que com a gente. A criança aprende com o que ela vê e observa no adulto, não no que o adulto fala. Falar o menos possível, e viver da forma o mais correta possível para ela ver como é que se vive da forma correta. Em vez de fazer o discurso para a criança, viva de um jeito legal, que ela olhe você e aprenda. E sexo, eu acho um absurdo ensinar sexo às crianças. Acho aulas de educação sexual um crime. Primeiro, porque a criança só vai aprender quando tiver desejo sexual. Enquanto isto não acontecer, ela vai achar aquilo uma chatura, uma aula de matemática. Agora, se ela tiver curiosidade, aí você tem de responder tudo, claramente. Mas sempre colocando o prazer, a alegria e a beleza o tempo todo, para ela perceber que o sexo é uma coisa muito bonita. Estas três coisas devem estar o tempo todo na pedagogia.

erotismo libertário²

O puritanismo sempre foi a mais poderosa e eficaz arma do autoritarismo de Estado, visando o controle e a contenção da liberdade dos cidadãos, tanto a biológica quanto a cultural.

Como o Estado, em si mesmo, é desprovido de qualquer moralidade que justifique seu puritanismo, em geral, irá buscá-lo nas religiões, às quais, em troca, oferece poder e sustentação, sobretudo, às que o contestam originalmente, corrompendo-as. Logo, não há moral alguma no puritanismo pessoal, religioso e de Estado.

Esse foi o caso, por exemplo, do Império Romano, em sua fase decadente, com a Igreja Católica por ele retirada das catacumbas, oferecendo-lhes a grandeza e o poder atuais do Vaticano. Desse conluio deriva o puritanismo contemporâneo do Ocidente e, em especial, o que sempre vigorou no Brasil, desde a vinda dos jesuítas na época do descobrimento, em caravelas do estado português, até a do papa João Paulo II, recentemente, no Boeing da Alitalia.

Para mim, o grande poder do puritanismo de Estado é ele somar à culpabilidade subjetividade produzida nas pessoas pelas religiões quando são compelidas a satisfazer suas pulsões biológicas irreprimíveis de prazer, ao medo concreto das normas sociais e das leis civis e penais que as ameaçam. Daí resulta o mais completo e o mais poderoso dos autoritarismos: a culpa por estar vivo e gostar de viver perante Deus, e o medo concreto das leis humanas. É infalível, porque a culpa invalida os desejos e o medo impede qualquer ação.

Dessa forma, o cidadão perde a criatividade e teme sua natural espontaneidade. Não é mais livre. Está perfeitamente controlado pelo Estado, permanecendo a Igreja, inclusive, de mãos limpas, porém de consciência perfeitamente hipócrita: “a Deus o que é de Deus, a Cesar o que é de Cesar”.

Como afirmou Wilhelm Reich, com sabedoria psicológica e política, a família espelha e reproduz o Estado. Cabe à família, portanto, executar as ordens e, assim, perpetuar o puritanismo, de pai para filho, de geração em geração, enquanto houver família, como a burguesa, a serviço do autoritarismo de Estado.

É importante ressaltar que, visando restringir e controlar a liberdade do novo cidadão, para que aceite se submeter ao Estado, o caminho mais curto e mais eficiente para a família é *semicastrá-lo*, quer dizer, procurar exercer sobre ele forte repressão à satisfação sexual, sem impedir, de forma definitiva, a sua sexualidade glandular. Em outras palavras, neurotizá-lo.

Foi Wilhelm Reich quem descobriu o mecanismo fisiopatológico da repressão sexual gerando a neurose que, segundo ele, em síntese, vem de fora e não de dentro, se instala em todo o corpo e não apenas na mente. Ele descreveu a neurose corporal como uma couraça neuromuscular, impedindo a livre circulação da energia vital por todas as áreas corporais, ficando, assim, algumas com energia em demasia e, outras, sem energia suficiente para um funcionamento fisiológico satisfatório. Daí então, no neurótico, a sensação de incompetência e impotência para o exercício de funções vitais como as da sexualidade e de intelectualidade, por exemplo, favorecendo ainda

o aparecimento de sintomas típicos da neurose, como a ansiedade, a angústia e a repressão.

Uma pessoa neurótica é, portanto, incapaz de se autogerir, está fraca, é facilmente controlada e submetida ao poder familiar e de Estado. Reich descobriu também que o orgasmo sexual tem o poder de desfazer, temporariamente, a tensão crônica da couraça neuromuscular. Logo, o prazer sexual obtido de modo satisfatório e frequente combate a neurose e a dependência da pessoa a qualquer poder externo. Concluindo: o puritarismo invalida a pessoa para a sexualidade satisfatória e isto a torna dependente de qualquer poder exercido sobre ela. Assim, só o combate ao puritanismo permite naturalidade e saúde, quer dizer, liberdade.

O que se procura combater nas pessoas é sobretudo o erotismo, não apenas o sexual e genital, mas sobretudo o que dá beleza, alegria e prazer a todas as relações do ser humano com a vida, com a Natureza e com os próprios homens, todos, inclusive seus parceiros sexuais.

Mas, para que isso seja possível, faz-se necessário, é claro, que a sociedade humana viva sob o efeito e manipulação de uma ideologia muito poderosa que deu origem ao fascismo, ao nazismo, à “democracia” capitalista e ao socialismo autoritário — às diferentes expressões do autoritarismo político de nosso tempo.

Refiro-me à *ideologia do sacrifício*, mantida no cotidiano dos cidadãos de todo o mundo, especialmente pelas religiões, pela burguesia capitalista, pelo marxismo dos partidos comunistas e pelas terapias oriundas da Psicanálise. Note-se como todas essas manifestações espirituais, políticas e científicas se manifestam travestidas no mesmo e único puritanismo.

A essa *ideologia do sacrifício* se opõe a *ideologia do prazer*. Ideologia do solidarismo humano, do respeito ecológico, do trabalho em autogestão, do verdadeiro e saudável sindicalismo, do amor em liberdade, do socialismo libertário que sempre combateu todas as formas de autoritarismo e de puritanismo hipócrita e antinatural. Refiro-me ao que propõe o *Anarquismo*, hoje o único antídoto político e ético à *ideologia do sacrifício*.

O autoritarismo procura invalidar a vida no ser humano, através do medo à violência das armas e, sobretudo, pela mediocrização das pessoas, ao submetê-las à *ideologia do sacrifício*. Na vida social burguesa é muito difícil às pessoas livrarem-se disso, atingidas que são consciente e inconscientemente, inclusive aquelas de opção libertária. Os escritores anarquistas teriam de estar atentos a como a ideologia do sacrifício, especialmente devido à sua formação burguesa, pode atuar ainda sobre seu espírito e opções no ato de criar literatura, apesar de tudo. Dois dos maiores escritores de todos os tempos, para mim, D. H. Lawrence e Henry Miller, que ousaram vencer a *ideologia do sacrifício* de seu tempo, trabalhando com coragem, beleza, verdade e poesia a sexualidade e a liberdade humanas, foram dura e longamente censurados.

Essa censura aos mestres intimidou, certamente, muitas gerações de escritores. Desavisado e imprudente, na década de cinquenta escrevi uma peça de teatro que foi censurada e impedida de ser levada à cena durante alguns anos: *Quarto de empregada*. Depois disso, sem perceber claramente, submeti-me inconscientemente à censura e à autocensura, como a maioria dos escritores daquela época, e nunca mais escrevi nada de realmente libertário para teatro, a não ser uma peça sem palavras, *O&A* em

1967, que, mesmo assim, foi retirada de cena pela Polícia, prendendo os atores durante as horas do espetáculo.

Quando saiu o romance *Cléo e Daniel*, também na década de sessenta, não tive censura oficial alguma ao meu livro como recebia, violenta, em minha vida pessoal e profissional, por contestar e combater a ditadura militar. Porém, foi igualmente violento o repúdio ao livro por parte da Igreja Católica e da família burguesa. O puritanismo da censura atingiu fortemente também o meu trabalho para a televisão, mutilando-o, mutilando-me. No romance *Coiote*, ousei um pouco mais, porém timidamente, do puritanismo instalado em mim pela censura e pela autocensura produzida pela família burguesa e pelo autoritarismo capitalista e militar.

Apenas agora, no início da década de noventa, descubro que, apesar de toda a minha luta contra a *ideologia do sacrifício* em vários campos da cultura, continuo vivendo, em parte submetido a uma espécie de puritanismo (autocensura) disfarçado, mas, de qualquer maneira, semicastrador artisticamente.

Consciente disso, descobri coragem em mim para escrever histórias vividas que tinha prontas dentro de mim, mas agora totalmente motivado e guiado pela *ideologia do prazer*, na busca e na realização do que chamo de *erotismo libertário* em literatura, de forma e conteúdo anarquistas.

Assim, foi publicado pela Editora Guanabara o primeiro volume de *Histórias curtas e grossas* que, espero, ajude a libertar as pessoas como, definitivamente, libertou a mim.

Roberto Freire,
dezembro de 1991.

Um libertário...

Notas

¹ Entrevista de Roberto Freire para o jornal mineiro *Diário da Tarde*, publicada em 7 de dezembro de 1992.

² Ensaio de Roberto Freire publicado em *Palimpsesto*, junho de 1992.

Resumo

Na entrevista, “Um libertário” e no ensaio “Erotismo Libertário”, publicadas no início da década de 1990, Roberto Freire passa a afirmar o que denominou “erotização do cotidiano”, intensificando ainda mais a perspectiva do seu anarquismo somático.

Palavras-chave: Erotismo, somaterapia, libertário, Roberto Freire.

Abstract

In the interview “A Libertarian”, and in the essay “Libertarian Erotism”, both published in the early 1990s, Roberto Freire began to affirm what he called “eroticization of daily life”, further intensifying the perspective of his somatic anarchism.

Keywords: Erotism, somaterapia, libertarian, Roberto Freire

Libertarian eroticism. A Libertarian, Roberto Freire.

Recebido em 10 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 2 de novembro de 2017.